

O COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO E A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS

Raquel Márcia Fontes MARTINS (UFMG)¹

RESUMO: Neste estudo, discutimos o caráter das representações lingüísticas, abordando variações inter e intra-individuais em três fenômenos fonológicos do português brasileiro. Assumimos que as representações lingüísticas são múltiplas, portanto, adotamos aqui teorias multirepresentacionais (Cf. CRISTÓFARO-SILVA; ABREU-GOMES, 2004, p. 17): Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) e Lingüística Probabilística (BOD; JANNEDY; HAY, 2003).

ABSTRACT: In this study, we argue the character of the linguistic representations, approaching inter and intra-individual variations in three phonological phenomena of the Brazilian Portuguese. We assume that the linguistic representations are multiple, therefore, we adopt here multirepresentational theories (Cf. CRISTÓFARO-SILVA; ABREU-GOMES, 2004, p. 17): Usage based Phonology (BYBEE, 2001), Exemplars Model (PIERREHUMBERT, 2001) and Probabilistic Linguistics (BOD; JANNEDY; HAY, 2003).

1. Introdução

Este trabalho discute o caráter das representações lingüísticas, abordando variações inter e intra-individuais em diferentes fenômenos fonológicos. Nessa análise, sugere-se que a variabilidade atestada na produção de fala dos indivíduos faz parte do conhecimento lingüístico deles (JOHNSON; MULLENIX, 1997). Assim, assumimos que a organização do componente fonológico é fundamentada em representações múltiplas avaliadas por parâmetros probabilísticos. Por esse motivo, neste estudo, adotamos como quadro teórico a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), a Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) e a Lingüística Probabilística (BOD; JANNEDY; HAY, 2003).

Na próxima seção, discutimos brevemente a literatura a respeito do comportamento do indivíduo. Em seguida, na seção 3, abordamos base teórica deste trabalho. Na seção 4, apresentamos os objetivos deste estudo, enquanto que, na seção 5, abordamos os procedimentos metodológicos aqui adotados. Na seção 6, fazemos uma análise e uma discussão dos resultados obtidos por meio de análises de classificação em árvore, feitas pelo programa estatístico SPSS, v. 13. Por fim, a seção 7 conclui o presente trabalho.

2. O comportamento do indivíduo

Tradicionalmente, o comportamento do indivíduo não é considerado como unidade de análise em trabalhos que tratam de mudança sonora como, por exemplo, Labov (1966). Isso ocorre por que tais trabalhos adotam a noção de representação lingüística única, diferentemente do presente trabalho que adota a noção de representações lingüísticas múltiplas, como se apontou na seção anterior.

A Sociolingüística (LABOV, 1966) propõe que os fenômenos lingüísticos sejam correlacionados aos indivíduos da comunidade de fala distribuídos em grupos sociais, de acordo com fatores como, *classe social*, escolaridade, sexo, idade e origem geográfica. Milroy (1987) propõe um outro tipo de agrupamento social dos indivíduos: as redes sociais (relações sociais mais imediatas de um indivíduo, por exemplo, no seu trabalho, na sua família, na sua vizinhança, na sua escola, etc.).

Uma avaliação acurada dos agrupamentos sociais sugeridos por Labov (1966) e Milroy (1987), entretanto, mostra que há casos em que indivíduos pertencentes a uma mesma classe social ou a uma mesma rede social têm comportamentos lingüísticos díspares (Cf. MARSHALL, 2004, p. 28). Isso não é esperado nem do ponto de vista da análise sociolingüística (LABOV, 1966), nem do ponto de vista da análise de redes sociais (MILROY, 1987). Dessa forma, percebemos que, em relação a fenômenos fonológicos, há situações em que esses dois modelos teóricos são limitados na avaliação dos dados. É dentro dessa discussão que se faz pertinente propor o comportamento do indivíduo como unidade de análise.

Pesquisas atuais atestam variações inter e intra-individuais em fenômenos de variação e mudança sonora (Cf. GUIMARÃES, 2004; HUBACK, 2003; LABOV, 2001; MILROY, 1987; OLIVEIRA, 1992;

¹ e-mail: raquelfontesmartins@gmail.com

PAIVA; DUARTE, 2003; SANGSTER, 2002). Contudo, tais pesquisas não chegam a assumir o comportamento do indivíduo como unidade de análise, o que o presente trabalho se propõe a fazer.

Consideramos a noção de líder da mudança proposta por Labov (2001, v. 2), visto que o fato de existirem indivíduos líderes e não-líderes em relação a um fenômeno de mudança sonora aponta para a relevância do comportamento do indivíduo. Na proposta desse autor, a classificação de um falante como líder ou não-líder se baseia nos índices estatísticos obtidos para aquele falante, em relação a uma variável inovadora que reflete uma mudança sonora (Cf. LABOV, 2001, v. 2). Assim, um líder apresenta maiores índices de realização de uma variável inovadora do que um falante não-líder que apresenta o inverso, ou seja, menores índices para a realização dessa variável.

3. Base teórica

Sobre o suporte teórico deste trabalho, como ressaltamos na seção 1, adotamos as seguintes teorias multirrepresentacionais: Fonologia de Uso, Teoria de Exemplos e Lingüística Probabilística.

Em uma perspectiva tradicional da mudança sonora, a idéia de uma gramática única para a língua – a Gramática Universal, também conhecida como GU (Cf. CHOMSKY, 1997) – impede que se postule o comportamento do indivíduo como unidade de análise. Também uma outra noção, a qual é decorrente da GU, impossibilita a análise do comportamento do indivíduo: a idéia de uma representação lingüística única na gramática. Modelos multirrepresentacionais, que prevêm variação lingüística na representação abstrata, permitem a investigação das variações inter e intra-individuais. Em tais modelos, inclusive, é importante considerar o comportamento do indivíduo, porque ele contribui para a emergência e a dinamicidade dos sistemas lingüísticos. Nesse sentido, compartilhamos com a visão de Reinecke (2006, p. 68), a qual afirma:

A língua [...] é um sistema complexo dentro do qual existem formas e organizações dessas formas que estão em perpétuo desenvolvimento ou mudança. A mudança é o resultado de uma competição de forças adversárias. Essas forças são, por um lado, processos que favorecem a estabilidade do sistema, através, por exemplo, da convencionalização de formas lingüísticas; por outro lado, são processos de inovação lingüística. A noção fundamental para captar o desenvolvimento, a modificação, a inovação e renovação dentro do sistema é a noção de emergência gramatical. A localização da gramática e, portanto, da emergência, está no indivíduo e o processo pelo qual emergências nas gramáticas podem estender-se e reproduzir-se através do sistema, é a interação humana.

A Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) postula que a experiência afeta a organização lingüística. Tal teoria adota a palavra como unidade de análise e atribui fundamental papel à frequência: as frequências de ocorrência (*token*) e de tipo (*type*) organizariam o léxico e a gramática.

A Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001), que é incorporada pela Fonologia de Uso, também é importante ao presente trabalho. Em especial, pelo fato de o Modelo de Exemplos considerar a gradiente fonética que se liga à noção de representações múltiplas, a qual é elucidativa na abordagem da variabilidade individual.

Sobre a Lingüística probabilística (BOD; JANNEDY; HAY, 2003), por propor uma análise probabilística da língua, essa teoria permite que se investiguem as múltiplas representações do componente fonológico, decorrentes das variações inter e intra-individuais. Tal teoria possibilita um tratamento estatístico mais refinado para as representações múltiplas postuladas pela Fonologia de Uso e pela Teoria de Exemplos.

4. Objetivos

Dentre os objetivos deste estudo, constam:

- a) avaliar o caráter múltiplo das representações lingüísticas, tendo em vista a variabilidade no comportamento do indivíduo;
- b) avaliar se, em relação a diferentes fenômenos de variação e mudança sonora, um indivíduo líder apresenta sempre esse comportamento de líder ou se é conservador em relação a alguns fenômenos (SANGSTER, 2002; PAIVA; DUARTE, 2003). O inverso é investigado em relação aos indivíduos não-líderes.

5. Metodologia

Para estudarmos as variações inter e intra-individuais, propomos a análise destes três fenômenos fonológicos – casos de mudança sonora no português brasileiro – distribuídos nestes 3 corpora:

- a) Corpus 1 – cancelamento de “r” em nominais, por exemplo: calor → calô (HUBACK, 2003);
- b) Corpus 2 – cancelamento das líquidas “l” e “r” intervocálicas, por exemplo: óculos, espírito → ócus, espíto (FONTES MARTINS, 2001);
- c) Corpus 3 – cancelamento de encontro consonantal tautossilábico, por exemplo: refrigerante → refigerante (CRISTÓFARO-SILVA, 2000a, b, 2003a).

Os participantes desta pesquisa foram selecionados a partir dos 3 corpora apresentados acima. Selecionamos os 2 informantes líderes e os 2 informantes não-líderes de cada um dos três corpora acima, ou seja, seguindo Labov (2001, v. 2), selecionamos os 2 informantes que apresentaram os maiores índices de realização para cada um dos três fenômenos em questão e os 2 informantes que apresentavam os menores índices para cada um desses fenômenos. Com isso, obtivemos um total de 12 participantes (6 líderes e 6 não-líderes), ou seja, 4 participantes por corpus.

Esta pesquisa avalia os três fenômenos acima em dois tipos de coleta: a) uma coleta com todos os 12 participantes, para o estudo transversal, b) outras 6 coletas com 2 desses 12 informantes, para o estudo longitudinal. Especialmente as 6 coletas do estudo longitudinal foram realizadas com o objetivo de se analisar, em momentos distintos, o comportamento do indivíduo (estudo em tempo real). Pesquisas desenvolvidas dentro do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) apontam variações inter e intra-individuais em relação a duas coletas de dados que foram realizadas em épocas distintas (Cf. Paiva; Duarte, 2003). Assim, observamos que é possível que indivíduos alterem seu comportamento lingüístico em razão do tempo.

Ainda, o comportamento do indivíduo foi avaliado em relação à comunidade de Belo Horizonte, quanto a três diferentes estilos: entrevista de fala espontânea, tarefa de nomeação por figura e tarefa de leitura. Sangster (2002), analisando variações na pronúncia do inglês de Liverpool, encontrou que o estilo de fala foi um fator importante nas variações inter e intra-individuais.

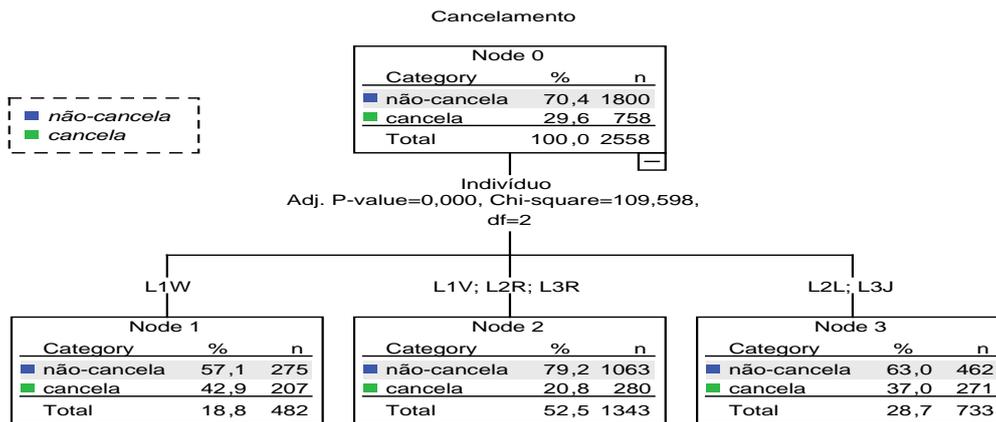
6. Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados, 4.955 dados do estudo transversal e 6.598 dados do estudo longitudinal, foram submetidos à análise estatística do programa SPSS, v.13. Neste trabalho, os resultados apresentados são relacionados apenas aos dados do estudo transversal. Assim, abaixo, discutimos alguns resultados relativos a tal estudo, os quais foram obtidos a partir da análise de 6 classificações em árvore feitas por esse programa dentro do método “Chaid”. Nesse método, são feitos agrupamentos entre as categorias em quantos nós – grupos homogêneos – forem necessários em um único nível hierárquico (vejam-se as árvores abaixo).

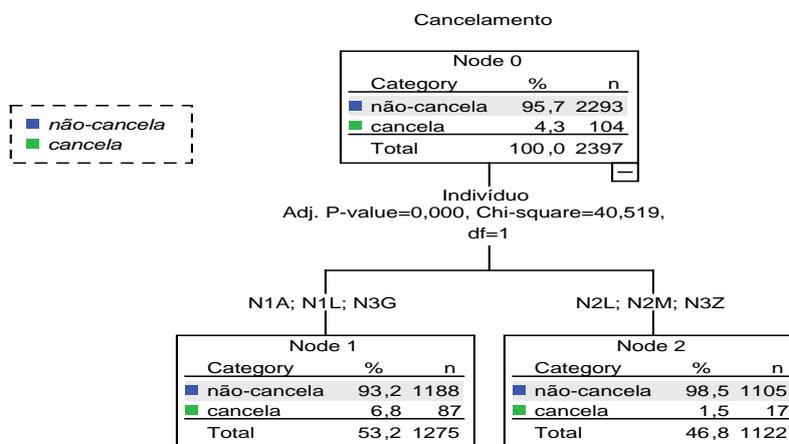
Nessas árvores, os 12 indivíduos em análise são codificados com 3 caracteres: o primeiro caractere, L ou N, indica se o indivíduo é líder ou não-líder respectivamente; o segundo caractere, 1, 2 ou 3, indica se o indivíduo é proveniente do corpus 1, do corpus 2 ou do corpus 3 respectivamente; o terceiro caractere indica a letra inicial do primeiro nome do indivíduo. Assim, o código L1W (ver primeiro nó da Árvore 1 abaixo) indica que o indivíduo é líder, proveniente do corpus 1 e tem a letra ‘w’ como inicial no seu primeiro nome.

Na Árvore 1 abaixo, vemos a classificação feita pelo programa para os indivíduos líderes quanto aos 3 fenômenos em estudo. Já na Árvore 2, vemos a classificação feita para os indivíduos não-líderes em relação aos 3 fenômenos.

ÁRVORE 1 (somente líderes, todos os 3 fenômenos)

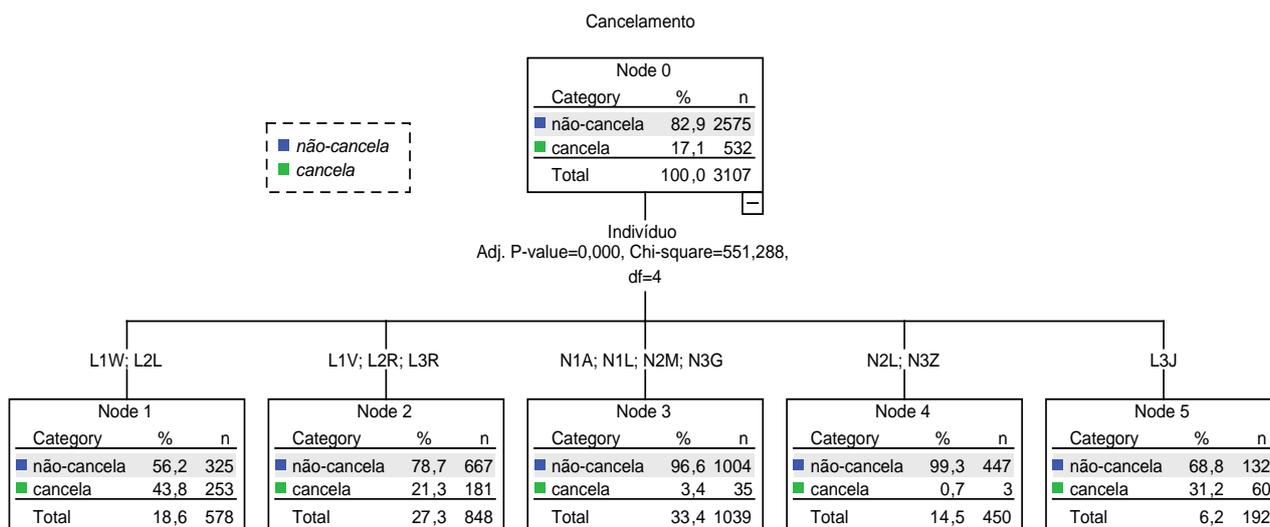


ÁRVORE 2 (somente não-líderes, todos os 3 fenômenos)



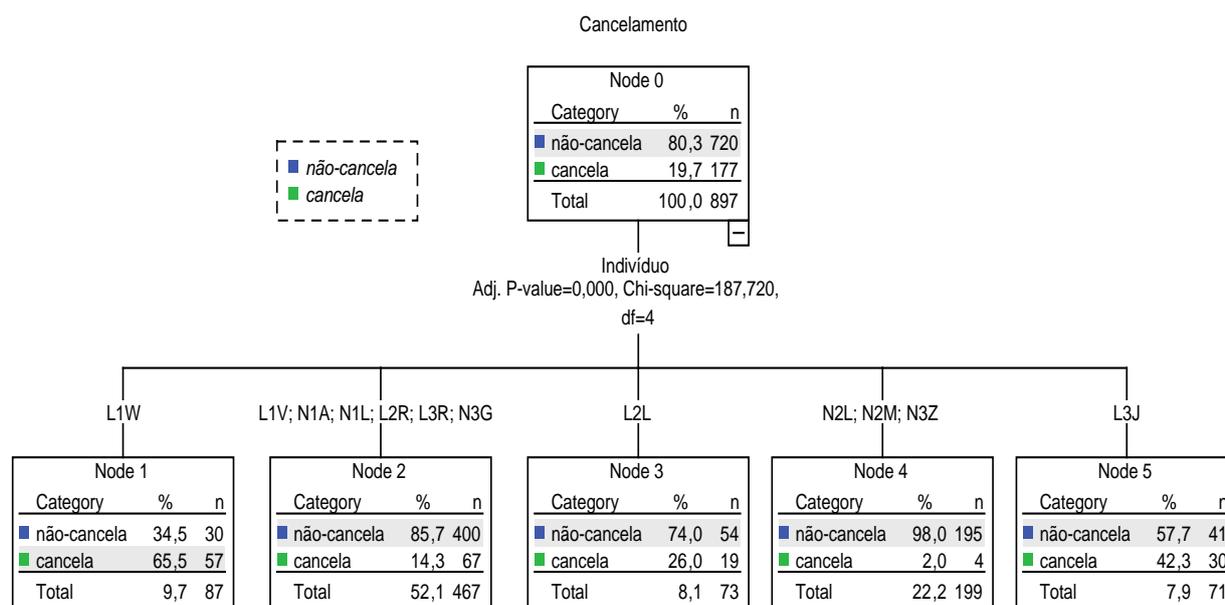
Como se pode observar pela análise das Árvores 1 e 2 acima, quando consideramos os 3 fenômenos em estudo ao mesmo tempo, vemos que os indivíduos são agrupados em nós diferentes. No caso, os líderes foram agrupados em 3 nós, e os não-líderes, em 2 nós. Esse resultado mostra que há uma diferença estatisticamente significativa quanto aos líderes entre si e quanto aos não-líderes entre si. Isso contribui para a discussão de líder feita por Labov (2001, v. 2), ao apontar para o fato de que os líderes entre si podem ter comportamentos diferentes. O mesmo pode ser dito em relação aos não-líderes. Vejamos agora a Árvore 3 que considera todos os 12 indivíduos, líderes e não-líderes, quanto aos 3 fenômenos:

ÁRVORE 3 (líderes e não-líderes, todos os 3 fenômenos)

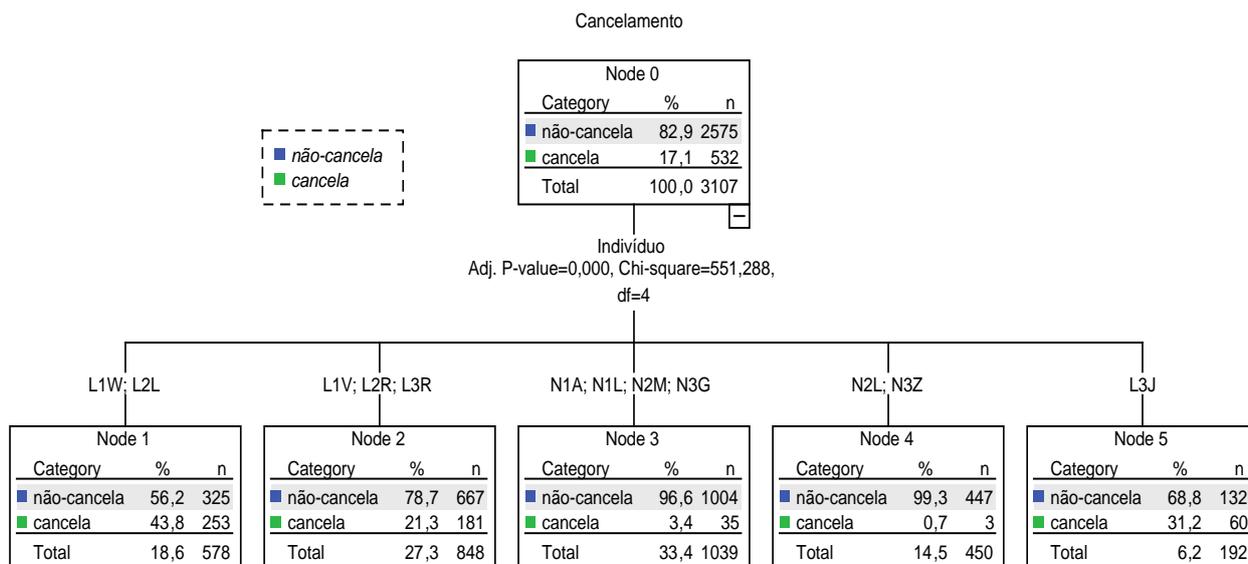


Pela análise da Árvore 3, observamos que líderes e não-líderes se encontram em nós diferentes, ou seja, há uma diferença estatisticamente significativa entre líderes e não-líderes quanto aos três fenômenos ao mesmo tempo. Contudo, quando consideramos cada fenômeno em separado, notamos que, dependendo do fenômeno, líderes e não-líderes podem não apresentar diferença estatisticamente significativa, ficando, portanto, em um mesmo nó, o que se vê nas Árvores 4 (2º nó) e 6 (3º nó) abaixo:

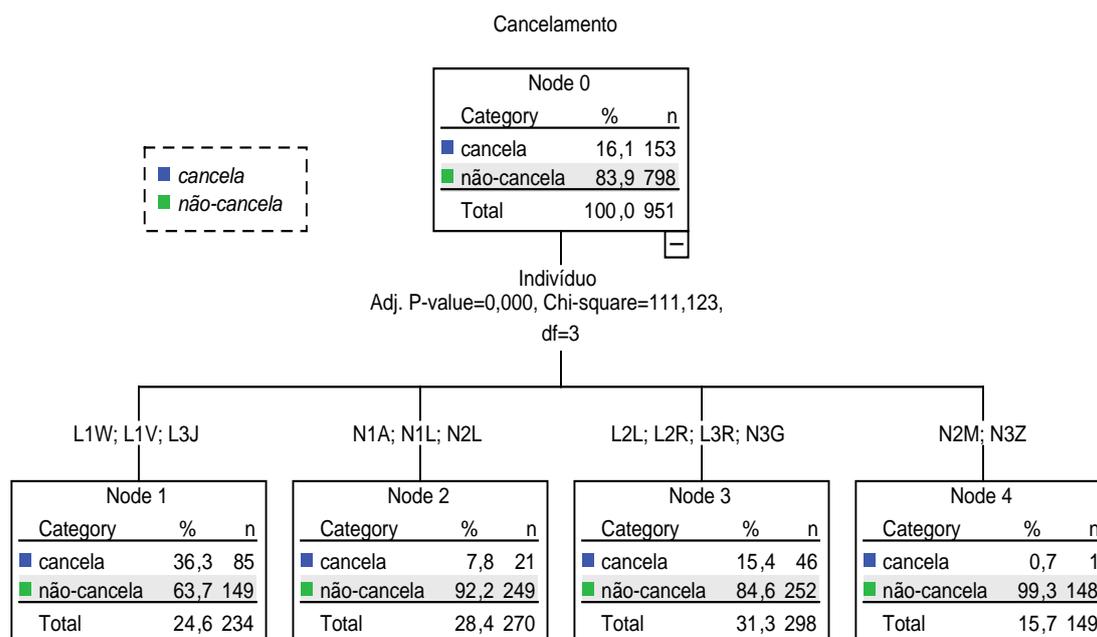
ÁRVORE 4 (líderes e não-líderes quanto ao fenômeno 1 somente)



ÁRVORE 5 (líderes e não-líderes quanto ao fenômeno somente)



ÁRVORE 6 (líderes e não-líderes quanto ao fenômeno 3 somente)



Observando a Árvore 5 acima (que considera o fenômeno 2 apenas), notamos que os líderes se encontram em nós diferentes dos não-líderes, assim como ocorreu na Árvore 3 já comentada. Contudo, ao observar a Árvore 4 (que considera somente o fenômeno 1), percebemos que há 3 líderes (L1V, L2A e L3A) e 3 não-líderes (N1A, N1L e N3G) em um mesmo nó, o 2º nó. Também no 3º nó da Árvore 6, um indivíduo não-líder (N3G) se encontra junto de três líderes (L2L, L2R, L3R).

O fato de líderes e não-líderes se encontrarem em um mesmo nó – o que ocorreu nas Árvores 4 e 6 acima – demonstra que, dependendo do fenômeno, um indivíduo líder pode se comportar como não-líder ou vice-versa. Isso problematiza a discussão que Labov (2001, v. 2) faz a respeito dos líderes, já que esse autor acredita que um líder é sempre líder em todo e qualquer fenômeno. Esse resultado é interessante ainda por demonstrar que um mesmo indivíduo pode não operar da mesma maneira para diferentes fenômenos, o que aponta para a noção de representações múltiplas.

7. Conclusão

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam para a importância de se considerar o comportamento do indivíduo como unidade de análise em trabalhos que abordam a mudança e a variação sonora. Ainda, os dados apontam que a noção de representação lingüística múltipla é mais adequada para o tratamento da variabilidade individual. Contudo, é importante ressaltar que, apesar de haver variabilidade individual, há muitas semelhanças no comportamento lingüístico de indivíduos diferentes (de grupos distintos), o que caracteriza a gramática de uma língua.

8. Referências Bibliográficas

BOD, J.; HAY, J.; JANNEDY, S (Eds.) *Probabilistic Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 2003.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge, 2001.

CHOMSKY, Noam. Conhecimento da História e construção Teórica na Lingüística Moderna. *DELTA*, v. 13, número especial, p. 133-155, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 maio 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Sobre a queda dos encontros consonantais no português brasileiro. *Estudos lingüísticos XXIX*. Vol. 29, 2000a.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Branching Onsets in Brazilian Portuguese. 30th Linguistic Symposium in Romance Languages. University of Florida. Gainesville, 2000b.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Difusão Lexical: estudo de casos do Português Brasileiro*. Relatório de Pesquisa CNPq número: 202422-86-3. Manuscrito. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2003a.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; ABREU-GOMES, Christina. Representações múltiplas e organização do componente fonológico. Artigo submetido ao Fórum Lingüístico da UFSC, 2004.

FONTES MARTINS, Raquel M. *O cancelamento das líquidas “l” e “r” intervocálicas no português de Belo Horizonte*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2001.

JOHNSON, K.; MULLENNIX (Eds.). *Talker variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, 1997.

HUBACK, Ana Paula da Silva. *Cancelamento do (R) final em nominais na cidade de Belo Horizonte: uma abordagem difusionista*. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

GUIMARÃES, Daniela Mara Lima. *Variação nas seqüências de (sibilante +africada alveolopalatal) no português de Belo Horizonte*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, v. 2, 2001.

MARSHALL, Jonathan. *Language change and sociolinguistics: rethinking social networks*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. 2 ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, p. 31-41, 1992.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003.

PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.) *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.137-157.

REINECKE, Katja. *Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages*. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFSC, Florianópolis, 2006.

SANGSTER, Catherine M. *Inter- and Intra-Speaker Variation in Liverpool English: A Sociophonetic Study*. 2002. 290 f. Tese de Doutorado – University of Oxford, Oxford, 2002.